

## ENSINO HÍBRIDO NO BRASIL: UMA REFLEXÃO SOBRE OS DESAFIOS VIVENCIADOS PELOS DOCENTES

PATRICIA KLINKERFUS DE CAMPOS<sup>1</sup>  
DOUGLAS FERREIRA GOIOS<sup>2</sup>  
BÁRBARA CAMPOS GOIOS<sup>3</sup>

### RESUMO

O ensino híbrido tem sido foco de muita discussão nos meios acadêmicos, na busca da melhor forma de implementá-lo, podendo trazer benefícios para as instituições de ensino, professores e alunos. Porém, existe uma carência muito grande sobre como os professores podem enfrentar as dificuldades paralelas a sua implantação. Sabe-se que o ensino híbrido é algo que cedo ou tarde fará parte da vida de todos os acadêmicos, seja em instituições particulares ou públicas, todavia, a de se pesquisar qual a melhor forma de se introduzir tal cenário, de forma a não impactar negativamente o processo de ensino-aprendizagem. É preciso preparar adequadamente professores, alunos e instituições de ensino para concretizar essa inovação de forma satisfatória, agregando valor ao processo de ensinar e aprender, ao invés de criar novos problemas aos envolvidos no processo. Os desafios para professores e alunos são inúmeros e cabe a sociedade analisar e solucionar cada um deles para promover uma educação de qualidade em um ambiente de ensino provedor do conhecimento mútuo e compartilhado. Para tanto, esse artigo tem como objetivo geral mostrar os desafios vivenciados por professores de uma Faculdade Pública durante as aulas on-line ministradas em suas disciplinas, bem como objetivo específico demonstrar qual a percepção dos professores em relação aos seus alunos enquanto ministravam suas aulas on-line. Trata-se de uma pesquisa descritiva e bibliográfica promovendo a discussão sobre o assunto com vários autores, descrevendo acontecimentos decorrentes de uma faculdade pública, bem como, quantitativa, demonstrando resultados numéricos obtidos após a aplicação de um questionário aos professores da referida instituição de ensino.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino Híbrido, professores, alunos, ensino-aprendizagem.

<sup>1</sup> Professora de Ensino Superior na Fatec Bragança Paulista e Faculdade de Ciências Aplicadas de Extrema (FAEX), graduada em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Mestre em Educação e Doutora em Educação. E-mail: patymlink70@hotmail.com

<sup>2</sup> Professor de Ensino Superior na Fatec Itapira e Faculdade de Ciências Aplicadas de Extrema (FAEX), graduado em Engenharia Mecânica e Mestre em Educação. E-mail: dfgoyos@hotmail.com

<sup>3</sup> Analista de Transporte em Comercio Exterior na Empresa DHL Global Forwarding (Brasil) Logistics Ltda., graduada em Relações Internacionais. E-mail: barbara.goios@hotmail.com

## **HYBRID TEACHING IN BRAZIL: A REFLECTION ON THE CHALLENGES EXPERIENCED BY TEACHERS**

### **ABSTRACT**

*Hybrid teaching has been the focus of much discussion in academic circles, in the search for the best way to implement it, which can bring benefits to educational institutions, teachers and students. However, there is a great lack of information on how teachers can face the difficulties associated with its implementation. It is known that hybrid teaching is something that sooner or later will be part of the lives of all academics, whether in private or public institutions, however, it is necessary to research the best way to introduce such a scenario, so as not to negatively impact the teaching-learning process. It is necessary to adequately prepare teachers, students and educational institutions to implement this innovation in a satisfactory way, adding value to the teaching and learning process, instead of creating new problems for those involved in the process. The challenges for teachers and students are numerous and it is up to society to analyze and resolve each of them to promote quality education in a teaching environment that provides mutual and shared knowledge. To this end, this article has the general objective of showing the challenges experienced by teachers at a Public College during the online classes taught in their disciplines, as well as the specific objective of demonstrating the perception of teachers in relation to their students while teaching their classes online. -line. This is a descriptive and bibliographical research promoting discussion on the subject with several authors, describing events arising from a public college, as well as quantitative, demonstrating numerical results obtained after applying a questionnaire to teachers at that educational institution.*

**KEYWORDS:** *Hybrid Learning, teachers, students, teaching-learning*

## INTRODUÇÃO

A pandemia do *Covid-19* trouxe uma série de desafios para toda a humanidade, dentre as quais, a emergência em se pensar em novas formas de se repensar os modelos, processos e estruturas de ensino-aprendizagem. Todos os níveis de ensino, desde o fundamental, passando pelo ensino médio até as Universidades tiveram que se transformar para conseguir dar continuidade aos programas de ensino, planejados para cada categoria. A partir de então, foi possível, perceber a viabilidade de se pensar em novos cenários de aprendizagem, além das salas de aula tradicionais, apresentando uma realidade que mescla entre o presencial e o virtual, levando inovação aos processos e estruturas, até então, inabaladas, articulando diferentes espaços e ambientes de aprendizagem.

O empenho de médicos e cientistas permitiu que voltássemos ao nosso cotidiano normal, deixando a pandemia no passado, todavia, com uma série de ideias inovadoras para transformar antigos e tradicionais modelos de ensino em cenários mais atraentes, com inúmeras possibilidades de se ensinar e aprender utilizando estruturas e formatos diferentes em relação ao modelo tradicional.

Contudo, cabe verificar quais são os desafios vivenciados por professores, em todos os níveis educacionais, em particular nas Universidades, que se veem imersos no sistema de ensino tradicional, porém, com uma cobrança constante em se reinventar, mudando suas atitudes dentro da sala de aula, para com seus alunos, criando atividades diversificadas, propondo avaliações que articulem entre as habilidades e competências adquiridas, gerando uma sensação de incompetência e insatisfação nos professores, que se sentem perdidos no centro de tantas cobranças.

Existe a necessidade de se obter maiores informações sobre as reais situações de aprendizagem que foram postas e articuladas, durante o período da pandemia, coletando dados em todos os níveis de aprendizagem, para se ter as respostas certas sobre como agir no futuro, em que já nos encontramos imersos, buscando possibilidades de se implementar o ensino híbrido nas escolas de forma massificada.

Para tanto, este artigo tem como objetivo geral mostrar os desafios vivenciados por professores de uma Faculdade Pública durante as aulas on-line ministradas em

suas disciplinas, bem como objetivo específico demonstrar qual a percepção dos professores em relação aos seus alunos enquanto ministravam aulas on-line.

Justifica-se, pelo fato de estarmos imersos em uma realidade em que as Universidades necessitam se reinventar, na tentativa de trazer mais alunos para seu interior, com inovação, porém, sem abrir mão da qualidade, garantindo o ensino-aprendizagem de seus alunos com êxito.

A metodologia utilizada foi de cunho descritivo e bibliográfico, trazendo a discussão sobre o tema, relacionando ideias e costurando informações entre vários autores, bem como, demonstrando dados resultantes de acontecimentos vivenciados por professores em uma faculdade pública. É quantitativa, pois, expõe resultados numéricos após a aplicação de um questionário aos professores de uma Faculdade Pública, sobre a realidade vivenciada por cada um deles, durante suas aulas on-line, gerando a criação e apresentação de dados na forma gráfica.

## 1. O Ensino Híbrido

Vivemos em tempos de profundas transformações, estruturado de maneira complexa, onde o analógico e o digital, o real e o virtual, o humano e a máquina, o offline e o online, coabitam de forma intrínseca e incessante, promovendo profundas alterações nas formas de agir, pensar, se comunicar e até existir (Moreira, et al., 2022).

O início do ensino híbrido se deu nos Estados Unidos e na Europa na tentativa de reduzir a evasão escolar de alunos de cursos à distância, gerada pela sensação de abandono que estes sentiam, trazendo a possibilidade de interação entre os alunos do EaD com seus docentes, proporcionando-lhes maior motivação e acolhimento, permitindo que ocorressem as interações presenciais.

Em um segundo momento, o ensino híbrido recebeu o status de método de ensino baseado em metodologias ativas, essas pensadas em termos da convergência sistemática entre os ambientes presencial e virtual, de sorte que, hoje, o ensino híbrido tem se mostrado como a melhor estratégia pedagógica para despertar e desenvolver

nos alunos o protagonismo e o desenvolvimento de competências (Moran, 2015, como citado em da Silva Brito, 2020, p. 2).

## 1.1 Conceito

Em um conceito geral, o ensino híbrido combina, em sua pedagogia, métodos de ensino e de aprendizagem presenciais e virtuais (Novais, 2017; Castro et al., 2015).

Porém, o conceito não pode ser minimizado ou simplificado como sendo apenas a combinação entre ambientes físicos e virtuais de aprendizagem, pois trata-se de algo muito mais amplo, que envolve diferentes abordagens pedagógicas, diferentes recursos tecnológicos, que interagem entre si, além de inúmeras possibilidades diversificadas que trazem soluções combinadas.

Bacich, et al. (2015) afirmam que

Híbrido significa misturado, mesclado, *blended*. A educação sempre foi misturada, híbrida, sempre combinou vários espaços, tempos, atividades, metodologias, públicos. Esse processo, agora, com a modalidade e a conectividade, é muito mais perceptível, amplo e profundo: é um ecossistema mais aberto e criativo. Podemos ensinar e aprender de inúmeras formas, em todos os momentos, em múltiplos espaços. Híbrido é um conceito rico, apropriado e complicado. Tudo pode ser misturado, combinado, e podemos, com os mesmos ingredientes, preparar diversos “pratos”, com sabores bem diferentes (p. 18).

O conceito de híbrido descrito pelos autores traz consigo uma abordagem complexa, pois trata de descrever as diferentes e divergentes ações entre os atores envolvidos no processo de ensino aprendizagem e o uso de tecnologias inovadoras. As relações entre tais atores podem ou não ser passivas, podem ou não trazer conflitos, sendo, com certeza, extremamente complexa. Logo, tem-se professores e gestores com diferentes formações, tanto no quesito das áreas de conhecimento, mas também sobre o domínio ou não de ferramentas tecnológicas e metodologias inovadoras. Tem-se, no mesmo contexto, interagindo, alunos mais conectados, que conseguem obter informações em outras fontes, que não através do professor exclusivamente, gerando, muitas vezes certo desconforto neste, que deixa de ser o único e exclusivo dono do conhecimento, podendo, até em segunda instancia, dentro

de um debate, ter seus conhecimentos postos em “xeque”, com informações adicionais ou divergentes, trazidas pelos alunos.

A aprendizagem deve ser entendida como um processo cooperativo, onde estudantes se integram para a ampliação das capacidades individuais (Vygotsky et al., 1998).

Bacich et al, (2015) destacam que

A educação é híbrida também porque acontece no contexto de uma sociedade imperfeita, contraditória em suas políticas e em seus modelos, entre os ideais afirmados e as práticas efetuadas; muitas das competências socioemocionais e valores apregoados não são coerentes com o comportamento cotidiano de uma parte dos gestores, docentes, alunos e famílias. [...] O ensino é híbrido, também, porque não se reduz ao que planejamos institucional e intencionalmente. Aprendemos por meio de processos organizados, junto com processos abertos, informais. Aprendemos quando estamos com um professor e aprendemos sozinhos, com colegas, com desconhecidos. Aprendemos de modo intencional e de modo espontâneo, quando estudamos e também quando nos divertimos. Aprendemos com o sucesso e com o fracasso. [...] O ensino é híbrido porque todos somos aprendizes e mestres, consumidores e produtores de informação e conhecimento (pp. 18-19).

Desta forma, o cenário híbrido traz consigo o incerto, o imprevisto, o problemático, o obscuro e todas essas incertezas geram inseguranças tanto naqueles que estão para ensinar, os professores, quanto para aqueles que estão para coordenar, os gestores, e ainda, para os que estão para aprender, os alunos. Todos esses atores imersos em um ecossistema propício para ampla comunicação e troca de informações, em determinados momentos através do uso de plataformas digitais, que podem ser acessadas de qualquer dispositivo, em qualquer ambiente, num contexto de *m-Learning*, e em outros momentos, num ambiente físico, presencial, com aporte as dúvidas advindas das novas aprendizagens decorrentes do processo.

Nesse aspecto, Pasin e Delgado (2017, p. 103) ao corroborar com a necessidade de interdependência e interpenetração dos ambientes físico e virtual, enfatizam que o ensino híbrido enseja ambientes de aprendizagem colaborativos, “[...] que tenham como objetivo principal o amadurecimento escolar e acadêmico progressivo”. E acrescentam que de nada vale uma intervenção pedagógica no

ambiente virtual sem o subsídio e aporte complementar do ambiente físico, garantindo-se a indivisibilidade dos fenômenos trabalhados.

Machado (2018, como citado em Kraviski (2020) descreve que

Nessa abordagem, o aluno realiza seus estudos em diferentes ambientes, executa estratégias mais ativas de atividades práticas, nas quais participa da resolução de projetos, problemas, estudos de caso, discussões, etc. O discente ainda, realiza pesquisas, fundamenta suas ações com o apoio dos professores, que serão mediadores dessas ações, aprende com o trabalho colaborativo e com a mão na massa com os demais colegas em sala de aula ou no ambiente que for estimulado ou conveniente para essa aplicação. O professor dará direcionamento dos estudos, conduzindo o aluno ao aprendizado ativo e autônomo. O docente tem o papel de incentivar, mediar, e problematizar o processo de ensino-aprendizagem, unindo o melhor do presencial e da educação a distância (p. 7).

A partir de tantos conceitos sobre o tema, imagina-se que é tarefa fácil tal implementação, mas será que os professores estão preparados para realizar essa performance de orientador, mediador, problematizador, deixando completamente de lado tudo que lhe foi ensinado, durante décadas e até séculos, para conduzir sua profissão. Será que o professor está pronto para conduzir aulas híbridas? Será que o professor sabe aplicar as metodologias ativas propostas? Enfim, o professor está preparado para todas essas mudanças?

## 1.2 Ensino Híbrido e os indivíduos envolvidos no processo

A educação, em um sentido mais amplo, envolve a comunicação e o compartilhamento de informações diversificadas, inseridos em um processo de ensinar e aprender, onde todos os envolvidos aprendem com os outros e podem, em outros momentos, ensinar seus pares. Cada indivíduo, em sua singularidade e particularidade, possui conhecimentos adquiridos no decorrer de sua trajetória social, escolar, cultural e política e pode a todo instante ensinar e aprender. O importante é que essa troca de aprenderes gerem a evolução do indivíduo, trazendo a ele o conhecimento e com ele a liberdade de escolhas, tornando-o um cidadão consciente e ativo. Assim, a educação deve ser um processo gerador da aprendizagem, dentro de um contexto pluralista, ativo e progressivo, que permita ao indivíduo perceber as

diferentes possibilidades de realização pessoal, social e profissional, gerando uma visão mais ampla, contextualizada e relacionada a sua realidade socioeconômica-cultural.

Fica evidente, então, que o ensino híbrido surge em tempos de inclusão e de apropriação do mundo digital, uma vez que as tecnologias já estão postas no cotidiano de professores e alunos, além do fato de que através dos ambientes virtuais pode-se potencializar os saberes realizados em sala de aula, fazendo assim, com que as experiências presenciais se tornem mais significativas. Castro et al. (2015, p. 51), defendem que “[...] as portas da escola se abram às novas formas de acesso à informação, o que provoca mudanças nas relações e nos papéis exercidos pelos professores e alunos”.

Hamad et al. (2015, p. 14) descrevem que: “ao longo dos últimos anos do século XX e início do XXI, as diferentes tecnologias têm reorganizado como as pessoas vivem, como se comunicam e como aprendem”. Logo, conclui-se que o ensino híbrido, procura mesclar as práticas da educação a distância (EaD) com às práticas pedagógicas da educação presencial e, como complementa Roza et al. (2019, p. 203), “preferencialmente, de modo simultâneo, com aporte das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) e de metodologias ativas”.

### **1.3 Os Desafios do Ensino Híbrido**

Leandro e Correa (2018, p. 392) alertam que o “[...] ensino híbrido tem sido um grande desafio que, até agora, não foi enfrentado com profundidade[...]”. E Castro et al. (2015, p. 52) destacam que “[...] conceituar educação ou ensino híbrido na educação formal não é tarefa fácil [...]”.

Destaca-se aqui, portanto, que apesar do ensino híbrido estar sendo pensado como alternativa constante e estar sendo implementado nas Universidades, há de se repensar em como aplicá-la de forma satisfatória e eficiente, demonstrando suas particularidades e características, analisando todas as implicações decorrentes a sua



utilização, focando, sempre, na habilidade do professor em aplicar de forma eficiente seus conteúdos e os alunos obterem, com sucesso, seus aprenderes.

Nesta perspectiva, a comunidade acadêmica vem buscando respostas, na tentativa de tornar eficiente um novo modelo de ensino, e uma das questões que surge, apesar de não ser uma questão específica deste novo modelo de ensino é: Porque as escolas e, por consequência os professores, insistem em ensinar de maneira igual, se é fato que cada aluno aprende de maneira diferente?

Essa questão persegue os educadores a décadas, mas agora ela tem se intensificado, pois os alunos têm a oportunidade de buscar informações em outras fontes, além das compartilhadas pelos professores. É importante lembrar que pesquisas, tais como as de Gardner (1995) sobre a “teoria das inteligências múltiplas” demonstram que cada indivíduo tem maior facilidade de aprendizagem através de caminhos diferentes, ou seja, alguns são mais auditivos, outros visuais, outros necessitam fazer anotações, outros, ainda, necessitam falar sobre o tema, entre outras maneiras. Além disso, tem-se a questão do tempo ou ritmo diferente que, cada indivíduo demora para entender e/ou compreender os mais variados temas, das mais variadas áreas do conhecimento. Fica evidente, então, que cada um de nós aprende de forma e em ritmos diferentes.

Além disso, voltamos a questão primordial de que, na prática, todo esse processo também traz consigo a falta de preparo dos professores para enfrentar essa nova era educacional, pois muitos, senão a maioria, não tiveram em sua formação acadêmica e também quando estudantes, nenhuma experiência voltada para tais aplicações. Vivemos em um paradigma onde gestores, professores e até os alunos, não sabem como agir ou tratar tanta informação disponível. O fato de o professor deixar de ser transmissor de informações e passar a ser orientador, mediador e facilitador, na busca da melhor maneira de cada aluno aprender, através de fontes diferentes, em momentos e ritmos diferentes, traz um enorme abismo entre suas concepções de ensino-aprendizagem e a nova proposta de ensino imposta pela sociedade da inovação. Tem-se que pensar, ainda, que os professores trazem consigo uma vasta bagagem tradicional de como agir, de materiais utilizados em

grupos de alunos anteriores, de metodologias utilizadas por anos, ou seja, ele tem o caminho pronto para ensinar e mudar tudo isso causa inúmeros conflitos, exigindo que todos saiam de sua zona de conforto. Logo, temos aqui um conflito de interesses importante, entre o que deve ser feito, como deve ser feito, quando deve ser feito e porque deve ser feito.

Viajando por estes caminhos tortuosos, as Universidades vêm tentando driblar tal situação propondo a seus professores a realização de atividades diversificadas, utilizando metodologias ativas, tais como sala invertida, gamificação, estudos de caso, aprendizado por problemas, entre outros. Porém, o que se observa é que tais tentativas são muito tímidas e acontecem, normalmente, em micro cursos ou palestras de 3 horas, em meio a reuniões pedagógicas, que acabam por não agregar nenhum valor ao professor, que se sente abandonado a própria sorte, durante suas tentativas de aulas inovadoras.

A verdade é que a maioria dos professores não conseguem aplicar tais metodologias de forma efetiva, pois não sabem como aplicá-las em suas respectivas disciplinas. Essa falta de habilidade, gera insegurança e por consequência, a não aplicação das mesmas, fazendo com que os modelos tradicionais de ensino prevaleçam.

Jarauta e Imbernon (2015) afirmam que o sistema educacional foi composto para uma realidade diferente da que vivemos, ou seja, o ambiente escolar advém da escola medieval, que num segundo momento evoluiu para atender os tempos da revolução industrial, tratando todos os indivíduos da mesma forma, através dos mesmos padrões. Gabriel (2013) afirma que apesar de muito avanços tecnológicos, o que se observa, nas escolas, são professores do século passado, que ainda acreditam serem os únicos detentores do conhecimento, preocupados exclusivamente com os conteúdos e currículos.

Estabelece-se, então, a necessidade de se romper com os métodos tradicionais e iniciar um processo de aplicação de novas formas de se ensinar e aprender.

Seguindo essa linha de mudanças Moran (2021, p. 8) destaca que o professor tem um papel importante no processo, sendo que

O docente planeja o antes (preparação do estudante, o que cada um consegue avançar), o durante (momentos síncronos: atividades em grupo e com a classe presenciais e/ou digitais síncronas) e o pós (aplicação, conclusão, avaliação), atendendo a diversas possibilidades e realidades. O planejamento é também diversificado, com repertório de estratégias diferentes e também de aplicativos para cada etapa. O planejamento, o desenvolvimento e a avaliação são abertos para poder incorporar e dialogar com as diferenças propostas e situações pessoais, grupais e de classes nos diversos tipos de encontros, plataformas, redes sociais. Os modelos híbridos pressupõem um acesso dos estudantes de lugares diferentes. Isto ainda está longe de ser viável para a maioria, em pouco tempo. São muitos os gargalos econômicos e tecnológicos. Teremos para uma parte da população realmente modelos híbridos com ótimas condições de implementação e para a grande maioria, modelos híbridos deficientes, com pouca interação síncrona e muito mais focados em atividades assíncronas.

Além disso, professores neste modelo de ensino, tem a liberdade de criar projetos inovadores, na aplicação de seus conteúdos, gerando novas formas de ensinar de forma mais significativa, trazendo para a sala de aula questões profissionais e do cotidiano de seus alunos.

Tudo isso parece fácil, mas infelizmente, poucos docentes conseguem concluir, pois, não possuem tempo para planejar suas aulas, principalmente, devido ao fato de estarem trabalhando em várias universidades ao mesmo tempo, ou ainda por ter várias turmas diferentes, em semestres diferentes, com conteúdos diferentes. A quantidade de alunos, por sala, também dificulta a aplicação de tais atividades. Por fim, a falta de capacitação voltada a tais práticas, reduzindo-se a apenas pequenas palestras dadas em reuniões de poucas horas, desmerecem e desmotivam professores a seguir nesta nova linha de ensino, fazendo com que permaneçam nos moldes tradicionais.

Junto a esses problemas, acrescenta-se questões técnicas e de banda larga, onde docentes e alunos precisam realizar investimentos pessoais em equipamentos e internet para poder viabilizar tal metodologia de ensino.

Logo, evidencia-se que os desafios são inúmeros e dependemos de política públicas para prover tais mudanças, reduzindo a carga horária de professores em sala de aula, aumentando a carga horária de professores para planejamento das atividades, diminuindo o número de alunos por turmas, oferecendo banda larga de alta

capacidade a todos de forma gratuita, além de promover capacitações realmente palpáveis, em momentos específicos, com carga horária satisfatória.

Segundo Moran (2021, p. 8),

Os modelos híbridos precisam ser planejados levando em consideração a diversidade de condições de acesso muito diferentes de cada estudante fora da escola. Em muitas instituições educacionais, os docentes precisam planejar atividades para os que têm acesso regular ao digital, para os que têm acesso parcial e para os que dificilmente têm ou não têm acesso ao digital. Isto implica desenhar, a partir do conhecimento da situação de cada estudante, roteiros que mantenham o essencial: a aprendizagem ativa em contextos híbridos diferentes para níveis de acesso diferentes.

Observa-se que o planejamento se torna extremamente complexo, pois as condições dos alunos se diferem, tanto em relação as questões técnicas, quanto ao domínio pedagógico.

Cada professor tem que conhecer o perfil de cada um de seus alunos, suas capacidades técnicas e pedagógicas, para só então, planejar de acordo com esse perfil suas atividades. Logo, cada aluno aprende de forma diferente e consegue assimilar e adquirir suas habilidades e competências de forma diversificada, cabendo o professor identificar essas diferenças e aplicar de formas distintas o mesmo conteúdo, levando em consideração a realidade de cada um. Porém, se o professor tem um número muito grande de alunos, em uma mesma turma, fica impossível de realizar tal verificação e aplicar tal diversidade.

Além disso, professores deixam de ser meros transmissores de conteúdo para serem mediadores de atividades diversificadas e alunos deixam de ter o papel de meros ouvintes para um papel mais ativo e participativo.

Com tantos desafios, a maioria das Universidades, não conseguem implantar de forma satisfatória e eficiente o modelo híbrido, pois, precisa resolver todos os desafios apostados anteriormente. É impraticável a aplicação do ensino híbrido sem que cada um dos desafios seja totalmente sanado.

Mesmo assim, verifica-se instituições de ensino utilizando o ensino híbrido de forma precária, sem resolver os desafios impostos, fazendo com que as aulas tradicionais se repliquem, mantendo a forma de ensinar e aprender em um novo

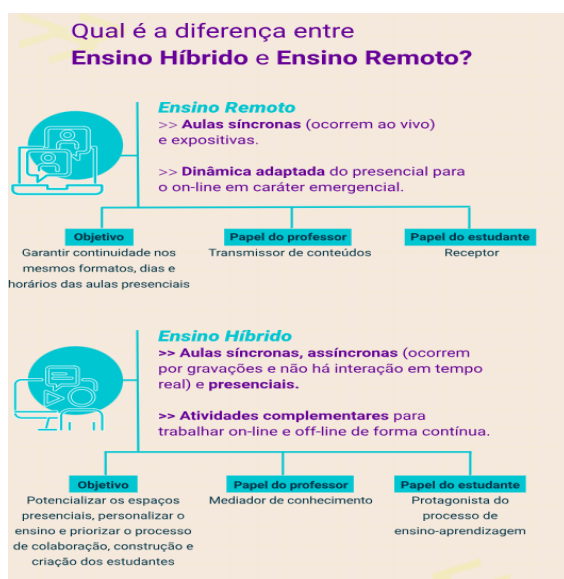
desenho de ensino. Portanto, neste caso, nada muda e tudo permanece como sempre foi.

Importante destacar, também, a diferença entre Ensino Híbrido e Ensino Remoto com o objetivo de evitar contradições e confusões, ou seja, quando se pensa em Ensino Híbrido destaca-se o fatos de termos aulas presenciais e on-line, com aulas síncronas e assíncronas, muitas vezes sem comunicação em tempo real, com a aplicação de atividades complementares em constante aplicação, tendo o professor um papel de mediador entre as informações apresentadas e as discussões advindas dos conteúdos propostos, tendo os alunos como centro de toda a dinâmica estabelecida.

Já no Ensino Remoto as aulas são totalmente síncronas em uma adaptação do presencial para o on-line, tendo o professor um papel tradicional, sendo transmissor de conteúdos e os alunos ouvintes, normalmente passivos.

Na imagem abaixo pode-se observar as diferenças mencionadas.

Figura 1: Diferença entre Ensino Remoto e Ensino Híbrido



Fonte: Triade Educacional (2021)

Portanto, verifica-se que existe uma série de características específicas do Ensino Híbrido que devem ser observadas, antes de sua implantação nas instituições

de ensino, evitando assim, deformidades neste modelo de ensino, buscando uma aplicação correta, dentro dos parâmetros que a caracterizam.

## 2 LEVANTAMENTO DE DADOS

A ideia de Ensino híbrido, a princípio se dá pela unificação entre o presencial e o on-line, conforme mostra a figura abaixo, porém, como descrito acima, esta é uma visão muito simplista do que realmente ele representa.

Figura 2: Modelo simplista do Ensino Híbrido



Fonte: Adaptado pelo próprio autor (2023)

Já na imagem abaixo pode-se observar que o ensino híbrido é algo muito mais complexo e envolve uma série de variáveis que devem ser gerenciadas e amplamente discutidas, para obter-se o esperado êxito no processo de ensino- aprendizagem.

Figura 3: Variáveis envolvidas no processo do Ensino Híbrido



Fonte: Bacich (2015)

Observa-se, então, que o ensino híbrido vai muito além da relação entre aulas presenciais e on-line, envolvendo a cultura escolar, o uso das tecnologias, a gestão da instituição de ensino, o espaço disponibilizado física e virtualmente, tendo o professor um papel de propulsor e orientador do conhecimento e os alunos como centro de todo o processo, com autonomia para buscar informações adjacentes aos conteúdos oferecidos pelos professores, abertos a discussão, análise e compartilhamento dos dados, impulsionando o conhecimento.

O Ministério da Educação publicou em 29/11/22 e atualizou em 27/07/2023 uma portaria de nº 865, de 8 de novembro de 2022 declarando que a rede tem a finalidade de “promover a implantação de estratégias de educação híbrida por todos os entes federativos do país, bem como de contribuir para a implantação do Novo Ensino Médio de forma equitativa e efetiva”.

Nota-se, portanto, que já existe uma iniciativa governamental para a implantação desse modelo de ensino nas escolas.

Porém, dados lançados pela Undime (União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação) e pelo CONSED (Conselho Nacional de Secretários de Educação) indicam que 83% dos alunos das redes públicas vivem com renda per capita de até um salário-mínimo e 79% deles têm acesso à internet. Além disso, 46% dos alunos

possuem acesso apenas por celular, emprestados do pai ou mãe, sendo que, 2/3 dos estudantes não tem computador em casa.

Caracteriza-se, portanto, uma situação que impossibilita a implantação de tal modelo de ensino para muitos, necessitando haver políticas públicas que implementem o acesso à internet de forma mais expressiva e acesso a equipamentos a todos em toda extensão geográfica de nosso país.

Em uma Faculdade Pública, no interior do Estado de São Paulo, foi realizada uma pesquisa sobre o tema, tendo obtido a resposta de 42 dos professores presentes, acerca de sua percepção sobre a implantação do Ensino Híbrido nas Universidades e alguns resultados serão expostos abaixo.

A primeira pergunta refere-se ao tempo de serviço dos docentes respondentes, sendo que metade deles possuem vasta experiência no ensino superior com mais de 15 anos de atividades na área. 23,8% têm entre 10 e 15 anos, demonstrando vasta experiência também e o restante com menos de 10 anos.

Gráfico 1: Tempos de Magistério no Ensino Superior

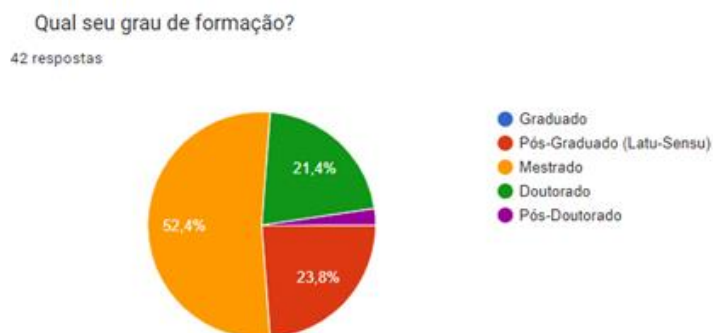


Percebe-se pelos dados acima que a maioria dos professores possuem vasta experiência no magistério do Ensino Superior.

É perceptível pelo gráfico abaixo que a maioria dos professores, 52% possuem mestrado, sendo que 21,4% com doutorado, contando ainda, com 23,8% com pós-graduação *latu-sensu*. Uma pequena parcela de professores com pós-doutorado.



Gráfico 2: Grau de formação dos docentes

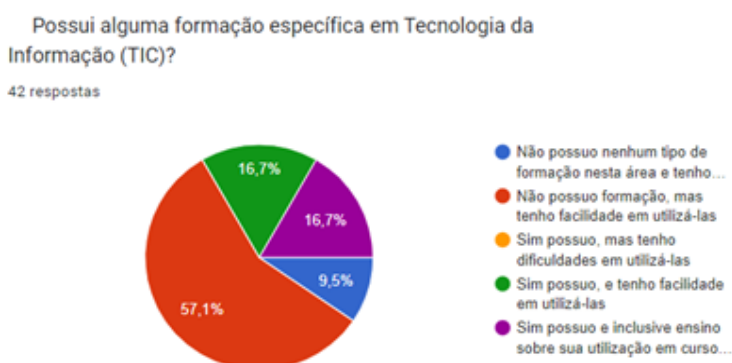


Logo retrata-se um ambiente de professores capacitados e de nível acadêmico expressivo.

Na sequência buscou-se saber sobre a formação dos professores em áreas que envolvem tecnologias e ficou evidente que a menos de 10% dos docentes entrevistados não possuem formação em área voltadas as tecnologias, alegando muita dificuldade em utilizar ferramentas tecnológicas. Já, a maioria, 57% apesar de não ter formação na área de tecnologias, possuem facilidade em seu uso. O restante dos entrevistados possui formação e facilidade no uso de tecnologias.

Observa-se após os dados coletados que poucos professores relatam ter dificuldades com o uso de novas tecnologias, porém, estes não podem ser ignorados e capacitações devem ser implementadas com o objetivo de capacitá-los melhor para o efetivo uso.

Gráfico 3: Formação específica na área de tecnologias

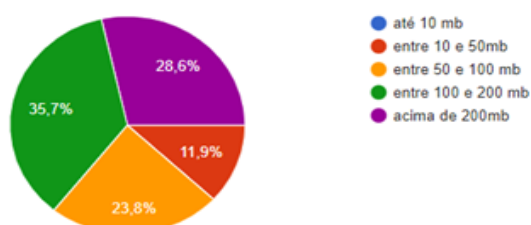


No gráfico a seguir buscou-se relatar a qualidade de banda larga ou internet, utilizada pelos professores da instituição e ensino. Nota-se que 34% deles possuem um pacote com menos de 100mb, retratando certa ineficiência na qualidade dos dados a serem compartilhado, principalmente quando pensamos em utilizar vídeo chamadas em conjunto com softwares e aplicações em geral. Já 36,7% possuem banda larga entre 100 e 200mb e os outros 28,6% possuem um pacote de internet mais satisfatório, quando se pensa n compartilhamento excessivo de dados.

Gráfico 4: Pacote de Banda Larga dos docentes

Qual o pacote de Banda Larga que você possui (em relação a velocidade)?

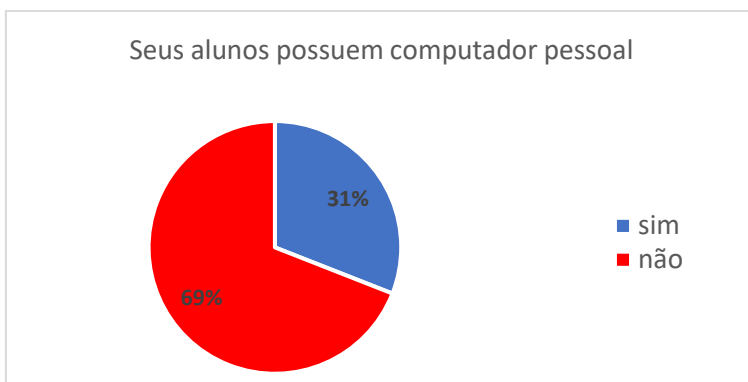
42 respostas



Observa-se acima que todo os professores possuem algum tipo de pacote de internet, viabilizando a aplicação de tarefas on-line. Porém, alguns apresentam possuir pacotes de pouca capacidade, o que poderia inviabilizar ou dificultar a transmissão de dados.

Na imagem abaixo, procurou-se verificar a realidade dos alunos da instituição de ensino, observando-se que 69% dos professores alegaram que seus alunos não possuíam equipamentos próprios para participar das aulas e o faziam apenas com o uso de celular. Apenas 31% dos professores alegaram que a maioria de seus alunos possuíam equipamento, como computador ou notebook par acompanhar as aulas.

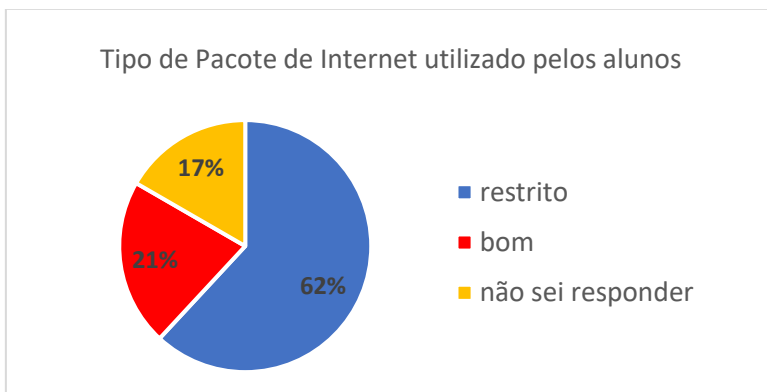
Gráfico 5: Porte de computadores pelos alunos



Nota-se a enorme defasagem entre os alunos de instituições públicas em relação ao porte de equipamentos de informática. A maioria tem apenas o celular para acessar e manipular dados, o que, dependendo do curso ou disciplina pode prejudicar o acompanhamento e entendimento de conteúdo.

No gráfico abaixo os docentes foram questionados se conseguiam avaliar a qualidade da banda larga de internet de seus alunos, durante a participação nas aulas, sendo que 62% relataram considerá-las restrita e apenas 21% as considerou de boa qualidade. Outros 17% dos professores relataram não saber mensurar.

Gráfico 6: Visão dos docentes a respeito da banda larga de internet dos alunos

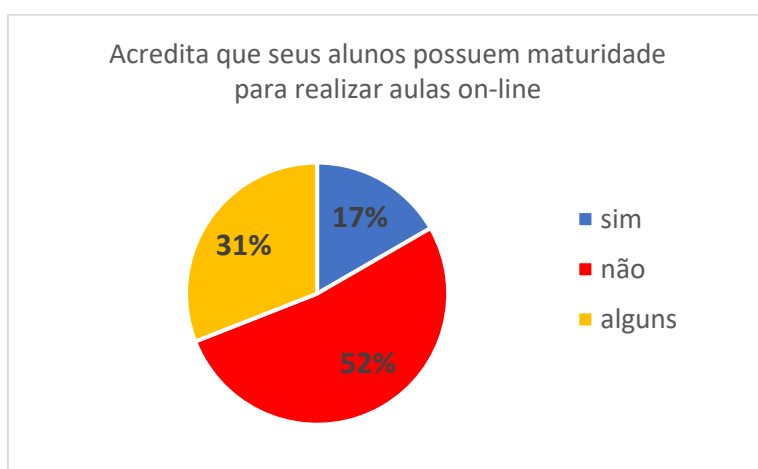


Observa-se, através dos dados acima, que na percepção dos professores, a maioria de seus alunos possuem pacotes de internet restrito, muitas vezes, apenas

do celular, o que pode, com certeza, atrapalhar no acompanhamento e aplicação de conteúdo diversos.

Outra questão abordada aos professores foi sobre sua percepção em relação a maturidade dos alunos durante atividades on-line, sendo que 52% acreditam que seus alunos não possuem maturidade para participar deste tipo de atividade, 31% acreditam que apenas alguns de seus alunos possuem tal maturidade e apenas 17% dos professores acreditam que seus possuem maturidade suficiente para participar de atividades on-line.

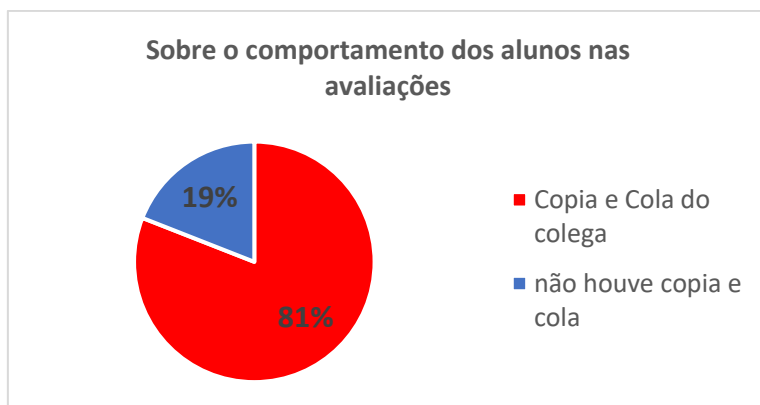
Gráfico 7: Visão dos docentes sobre a maturidade dos alunos durante as aulas remotas



Percebe-se que, segundo relato dos professores, alunos não estão preparados para aulas on-line, pois acreditam que a maioria não possui maturidade suficiente para a participação efetiva de aula on-line.

No gráfico seguinte foi perguntado aos professores sobre o comportamento de seus alunos durante as avaliações on-line, questionando-os sobre a possibilidade de “cópia e cola” promovida por seus alunos durante as avaliações. 81% dos professores alegaram que seus alunos copiaram e colaram entre eles as informações da avaliação aplicada e apenas 19% alegaram não haver “copia e cola” em suas avaliações.

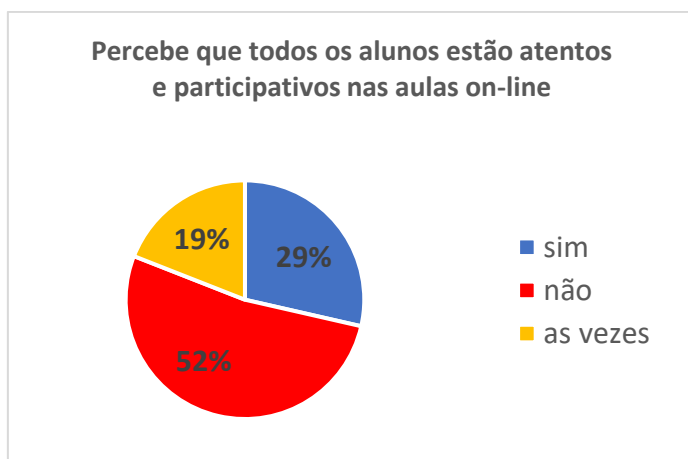
Gráfico 8: Comportamento dos alunos nas avaliações



Conforma-se, pelos dados acima a falta de maturidade mencionada pelos professores no gráfico anterior.

Na imagem abaixo os professores responderam sobre sua percepção acerca da participação efetiva de seus alunos, em suas disciplinas, durante as aulas on-line e mais da metade deles, 52% alegou que não havia participação algumas, 19% relataram que somente as vezes percebiam certa participação de alguns alunos e 29% alegaram sentir a participação de seus alunos nas aulas on-line.

Gráfico 9: Participação dos alunos durante as aulas



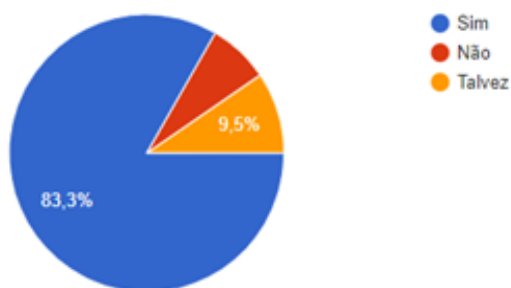
Conclui-se que a maioria dos professores considera que seus alunos não participavam efetivamente de suas aulas on-line, retratando novamente a falta de maturidade dos mesmos.

Outra questão abordada foi sobre a possibilidade de implantação do ensino híbrido nas universidades nos próximos anos. Percebe-se que a maioria esmagadora acredita que sim, que isso irá acontecer a qualquer momento, tendo 83% dos professores sépticos sobre isso.

Gráfico 10: Percepção sobre a aplicação do Ensino Híbrido nas Universidades

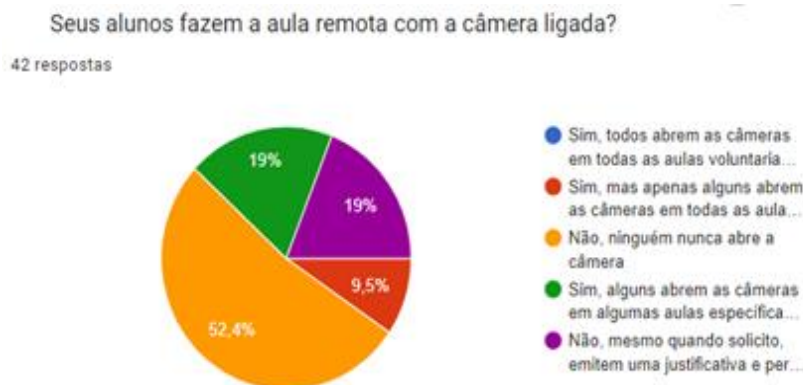
Você acha que o Ensino Híbrido, nas Universidades, será uma realidade, em um futuro muito próximo?

42 respostas



Outra questão realizada pela pesquisadora foi sobre a abertura de câmeras por parte dos alunos, durante as aulas on-line, sendo que mais da metade dos professores, e observa-se que nenhum dos professores alegou que todos seus alunos abriam as câmeras. Além disso, 52% alegaram que seus alunos nunca abriam suas câmeras durante as aulas, 19% alegaram que mesmo quando solicitavam seus aluno não abriam dando desculpas, 19% alegaram que alguns de seus alunos abriam as câmeras em algumas das aulas dadas e 9% alguns abriam as câmeras em todas as aulas.

Gráfico 11: Utilização de câmeras pelos alunos durante as aulas



Novamente denota-se a falta de maturidade aferida pelos alunos.

A seguir tem-se os resultados sobre a percepção dos professores em relação a atenção de seus alunos durante as aulas on-line, e 67% dos professores declararam que apenas alguns alunos estavam atentos a suas aulas e 26% alegaram que muito poucos de seus alunos estavam atentos. A parcela restante de professores se dividiu dizendo que todos participaram ou que nenhum participou.

Gráfico 12: Atenção dos alunos durante as aulas



Então, tem-se um número expressivo de professores relatando que sentiam que apenas poucos ou alguns de seus alunos assistiam efetivamente suas aulas.

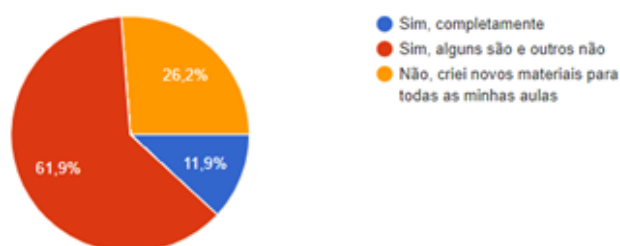
Na sequência buscou-se informações sobre o material que os professores utilizaram em suas aulas on-line e verifica-se que 12% utilizaram o mesmo material

que já possuíam na aplicação de conteúdos no formato de aulas presenciais, 62% utilizou alguns que já possuía e criou novos materiais também, e, apenas 26% deles alegaram ter criando material exclusivamente para o ambiente on-line.

Gráfico 13: Materiais utilizados nas aulas on-line

Os materiais usados por você, nas aulas remotas, tais como slides, atividades, exercícios, etc., são os mesmos que utilizava nas aulas presenciais, antes da Pandemia do COVID-19?

42 respostas



Observa-se que um dos grandes desafios para os professores está no fato de entender que os materiais utilizados em aulas tradicionalmente presenciais, já não atendem a uma demanda com viés mais tecnológico e inovador. Há de se pensar em criar novas formas de ensinar, adotando outras técnicas de ensino, diferente de simplesmente repassar conteúdo.

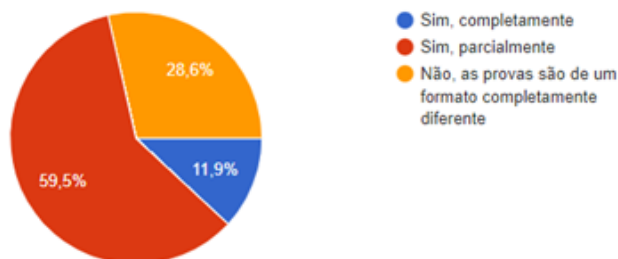
Finalizando, tem-se a imagem abaixo abordando o modelo de avaliação utilizado nas aulas on-line e os dados mostram que 59% dos professores mesclaram em usar os mesmo modelos do ambiente presencial com novos modelos de avaliação, 12% deles alegaram utilizar exatamente o mesmo formato das avaliações utilizadas no ambiente presencial e apenas 29% confessaram ter criado modelos de avaliação completamente novos para o ambiente on-line.



Gráfico 14: Modelo de Atividades Avaliativas

Sobre suas Atividades Avaliativas, manteve o mesmo modelo usado no presencial?

42 respostas



Percebe-se aqui, novamente outro desafio a ser ultrapassado pelos professores, referindo-se à criação de novas formas de avaliar os conteúdos discutidos em aulas.

Observa-se que com os vários relatos obtidos dos 42 professores consegue-se ter uma visão sobre a realidade vivenciada por eles durante a execução de aulas na modalidade on-line e que suas respostas retratam um pouco da realidade que envolve o cenário de aulas on-line, que por consequência, podem retratar o cenário de aulas dentro do Ensino Híbrido, uma vez que sua aplicação presume vários momentos síncronos e/ou assíncronos em ambientes on-line de ensino.

Logo pergunta-se: Será que nossos professores e alunos estão realmente preparados para essa nova modalidade de ensino? Será que cada um dos indivíduos envolvidos no processo não necessita de suporte, apoio, capacitação e orientação acerca do tema? Essas são questões para inúmeras pesquisas, que deverão tentar responder e trazer orientações, modelos e aplicações que possam esclarecer melhor como aplicar e participar desta nova modalidade de ensino que se apresenta.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se, após analisar os dados apresentados, que professores e alunos necessitam de muito mais orientação, capacitação e experimentação para poder concretizar de forma satisfatória a utilização eficiente do ensino híbrido.

Ao pensar no objetivo geral deste artigo, que é mostrar os desafios vivenciados por professores de uma Faculdade Pública durante as aulas on-line ministradas em suas disciplinas e no objetivo específico, que é demonstrar qual a percepção dos professores em relação aos seus alunos enquanto ministravam aulas on-line, conclui-se pelas respostas obtidas, que apesar dos professores possuírem alto grau acadêmico e tempo substancial de magistério no ensino superior, alguns carecem de capacitação técnica para o uso de ferramentas tecnológicas, gerando o primeiro desafio a ser ultrapassado. Logo tem-se que pensar em capacitações técnicas que permitam a utilização assertiva de ferramentas tecnológicas por todos os docentes.

O segundo desafio está ligado a capacidade de banda larga dos professores e alunos. Pode-se observar que a metade dos professores possuem banda larga com até 100mb, podendo gerar problemas na emissão e compartilhamento de dados, imagens e sons simultâneos. Além disso, relataram que a maioria de seus alunos possuem pacotes de internet considerados restritos, causando problemas também para a emissão e transmissão de dados. Relaram ainda que muitos de seus alunos não possuem computador pessoal, inviabilizando aulas que utilizam softwares específicos.

Outro desafio que perpassa pelos professores está relacionado ao perfil dos alunos, questionando-os sobre a maturidade dos mesmos na participação ativa de aulas on-line. A maioria dos professores relatou que seus alunos não demonstraram ter maturidade para tal situação. Além disso, relataram que a maioria realizou atividades avaliativas colando conteúdo de colegas, reduzindo assim, a oportunidade de aprendizagem. Quando questionados sobre a participação de todos os alunos durante as aulas, a maioria disse que apenas alguns ou poucos alunos o faziam de fato.

O desafio sobre a criação e utilização de materiais em um ambiente inovador de ensino, também foi questionado e obteve-se a informação de que muitos professores nem sequer criaram novos materiais para serem utilizados em aulas on-line, ou seja, muitos professores continuam apenas repassando conteúdos de forma centralizadora. As avaliações aplicadas também denotam a mesma perspectiva de manter modelos antigos em um novo cenário de ensino. Então, um grande desafio a

ser enfrentado pelos professores é o de criar novas formas de ensinar, propondo interfaces e atividades diferenciadas, abrindo discussões para casos práticos, ultrapassando a linha de apenas repassar conteúdos prontos e ultrapassados.

Apesar dos desafios mais de 80% dos professores acreditam que o Ensino Híbrido faz parte do presente e futuro e justamente por isso é que se tem que pensar em políticas públicas e particulares que permitam que professores e alunos possam participar de forma ativa e real desta nova forma de ensinar e aprender.

Portanto, é possível deduzir que ainda há muito o que se fazer para conseguir a efetiva qualidade de ensino que se espera das instituições de ensino quando se pensa na implantação do ensino híbrido.

## REFERÊNCIAS

BACICH, Lilian; TANZI NETO, Adolfo; TREVISANI, Fernando de Mello. **Ensino híbrido**. Porto Alegre: Penso, 2015.

DA SILVA BRITO, Jorge Maurício. A singularidade pedagógica do ensino híbrido. **EAD em foco**, v. 10, n. 1, 2020.

CASTRO, Eder Alonso et al. Ensino híbrido: desafio da contemporaneidade? **Projeção e docência**, v. 6, n. 2, p. 47-58, 2015.

GABRIEL, M. **EDUC@AR – a (r)evolução digital na educação**. Editora Saraiva. 2013.

GARDNER, Howard. " **Multiple Intelligences**" as a Catalyst. *The English Journal*, v. 84, n. 8, p. 16-18, 1995.

HAMAD, Aldrwin et al. **Ecosistema de inovação na educação: uma abordagem conectivista**. EHLERS, Ana CST; TEIXEIRA, Clarissa S.; SOUZA, Marcio V. Educação fora da caixa: tendência para a educação no século XXI. Florianópolis: Bookess, p. 9-32, 2015.

JARAUTA, Beatriz; IMBERNÓN, Francisco. **Pensando no futuro da educação: uma nova escola para o século XXII**. Penso Editora, 2015.

KRAVISKI, M. R. E. (2020). **Ensino híbrido**. Contentus. Disponível em: <https://www.bvirtual.com.br/NossoAcervo/Publicacao>. Acessado em: 13 de nov. 2020.

LEANDRO, Sandra Maria; CÔRREA, Elisete Marcia. Ensino híbrido (blended learning) potencial e desafios no ensino superior. **EmRede-Revista de Educação a Distância**, v. 5, n. 3, p. 387-396, 2018.

MORAN, Jose. Avanços e desafios na educação híbrida. **Educação transformadora. Retrieved January**, v. 20, p. 2021, 2021.

NOVAIS, I. de **AM Ensino Híbrido: estado do conhecimento das produções científicas no período de 2006 a 2016**. 140 f. 2017. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado)-Curso de Mestrado em Educação, Universidade Estadual de Maringá, Maringá.

PASIN, Débora Montenegro; DELGADO, Heloísa Orsi Koch. O ensino híbrido como modalidade de interação ativa e reflexão crítica: Relato de uma experiência docente no Brasil. **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**, v. 10, n. 2, p. 87-105, 2017.

ROZA, J. C., VEIGA, A. M. R., e ROZA, M. P. da. Blended learning: uma análise do conceito, cenário atual e tendências de pesquisa em teses e dissertações brasileiras. ©ETD- **Educação Temática Digital**, 21(1) p.202-221. 2019. <https://doi.org/10.20396/etd.v21i1.8651638>.

VYGOTSKY, L. S., Luria, A. R., e Leontiev, **A. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução de Maria da P. V. Ícone/Editora da Universidade de São Paulo. 1998.